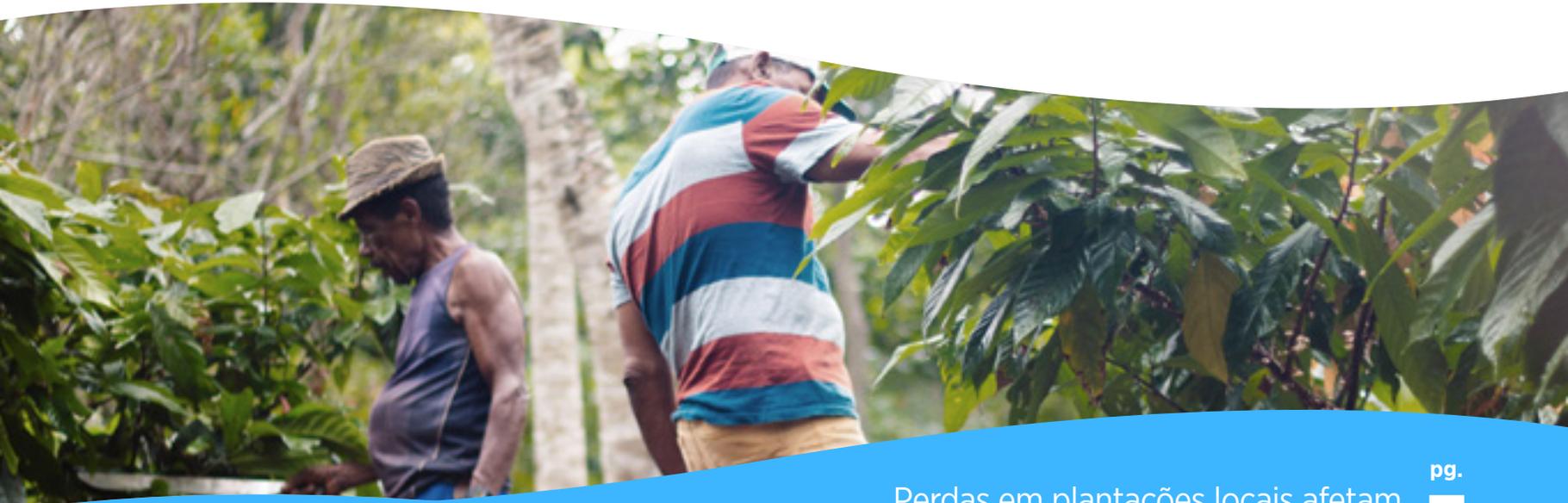


Jornal das comunidades de
Areal, Povoação, Entre Rios e
Regência com a Fundação Renova
Julho 2019 | Edição 8



VOZ DA FOZ



Perdas em plantações locais afetam
produtores rurais

pg.
3



Cultivo de abelhas nativas sem ferrão
encanta moradores da região

pg.
7



Educação de Jovens e Adultos é
oportunidade de um futuro melhor

pg.
10

A gente quer respostas

A vida na foz do rio Doce mudou muito desde 2015. Quando a lama chegou, além do trabalho, do rio e do mar, ela atingiu em cheio a vida das pessoas. Hoje o território vive a desconfiança de não saber quem está lutando por qual interesse - o seu próprio, o de um grupo ou da comunidade inteira. Vive a insegurança de não poder mais, como fazia no passado, deixar portas e janelas abertas, porque a busca pelo auxílio financeiro emergencial e pelas indenizações atraiu muita gente de fora e isso aumentou a violência e o uso de drogas e de álcool, reduzindo a segurança. Vive a frustração de ver famílias que aguardam respostas da Fundação Renova sobre seus direitos, enquanto “forasteiros” já conseguiram o que vieram buscar. Vive o susto de enfrentar mais carros e motos circulando pelas ruas antes tranquilas, guiados por motoristas que nem sempre têm carteira, colocando em risco a população local e os turistas.

No posto de saúde, essa realidade bate na porta todos os dias. Com poucos profissionais trabalhando e uma estrutura pequena, há mais pessoas doentes, em parte por causa do consumo de água salobra, pois nem todos recebem água mineral ou têm acesso a água tratada, e também por conta de doenças psicológicas e emocionais que estão surgindo. As famílias estão desestruturadas, pois os pais não têm mais como trabalhar na pesca ou no plantio, o que alterou completamente a rotina da comunidade. O número de mulheres grávidas também subiu e os profissionais da saúde não sabem até que ponto isso é resultado da busca por mais dependentes na família para aumentar o auxílio emergencial.

Na escola, o dia a dia também mudou. Antes todo mundo se conhecia, os professores e coordenadores sabiam quem era filho de quem, era mais fácil planejar as atividades. Agora, com a chegada de tanta gente estranha, todo mês aparece um aluno novo e desaparece assim que a família consegue o comprovante de matrícula da criança. A mesma coisa acontece no posto de saúde, cuja inscrição garante à pessoa um comprovante de residência.

Outra questão é que as comunidades da foz não estavam acostumadas a receber dinheiro sem trabalhar. E esse é um ponto que tem preocupado muita gente. O que será do nosso futuro quando ele acabar? Que oportunidades de retomar o trabalho, os estudos, as amizades rompidas essas pessoas terão pela frente? É preciso que a Fundação Renova ouça mais para ter uma visão melhor dos problemas que as comunidades enfrentam e que tenha mais agilidade para dar as respostas que precisamos.

Grupo de Comunicação do Voz da Foz

Expediente

Jornalista responsável:

Júnia Carvalho - Reg. 4247 - MG

Projeto Gráfico:

Coletivo É!

Reportagem:

Leandro Bortot

Flávia Denise

Marcelo Faria

Direção de arte:

Humberto Guima

Fotos de capa

Alif Rangel

Alif Rangel

Flávia Denise

As matérias desta edição foram sugeridas pelo grupo de comunicação, formado pelos moradores:

Andrea Aparecida Ferreira Anchieta, Drielle Sousa Costa, Jucilene Penha da Silva, Julcimara Penha da Silva, Juliana Teixeira da Silva, Julinenis Rodrigues Penha, Josenita Pereira dos Anjos, Lucas Guilherme Coutinho, Maria das Graças Moraes, Michel Gomes Pedro, Rômulo de Barcelos Rosa.

As opiniões expressas nesse jornal, por parte de entrevistados e articulistas, não representam necessariamente a visão da Renova em relação aos temas abordados, sendo de responsabilidade de seus autores.

CENTENÁRIA PLANTAÇÃO DE CACAU SOFRE QUEDA DE PRODUTIVIDADE

“Quem cultiva cacau viu de cara que tinha uma diferença no solo depois da passagem da lama. Ele ficou com uma nata dura por cima que não deixa as plantas irem a frente. Quando chove, a água escorre, mas não infiltra na terra e ela fica seca embaixo. Parece que nem choveu”. É assim que o presidente da Associação de Povos de Entre Rios, **Sebastião Eugênio Dias**, explica as diferenças que ele e outros produtores de cacau de Linhares perceberam no solo às margens do rio Doce após a passagem da lama, em 2015.

O município é conhecido mundialmente por suas plantações de cacau, cultivadas na região há mais de cem anos (leia mais na página 5). Para você ter uma ideia, a produção de Linhares foi a primeira do Brasil a receber, em 2012, o selo de Indicação Geográfica (IG), que comprova que o produto é reconhecido e possui qualidades particulares. Além disso, as amêndoas de Emir de Macedo Gomes Filho, de Povoação, foram premiadas no Salão do Chocolate de Paris de 2017.

Agora, os produtores lamentam a perda de grande parte da plantação. “O que matou foi a lama. O que não morreu, não está dando frutos. O que era o meu futuro acabou, como é que eu faço agora?”, desabafa a produtora **Ilda Souza de Oliveira**.

Cacau tem resistência à água

Segundo Sebastião Dias, o cacau é muito cultivado na região por causa da resistência da planta à água. “De novembro até janeiro, essa área fica toda alagada. Depois, volta ao normal. O cacau é uma planta que continua depois da enchente”, explica.

Após a passagem da lama, no entanto, alguns produtores, como **Luciana Souza de Oliveira**, de Regência, viram mudas morrendo após a primeira inundação da região. “Só depois vi que a água que invadiu minha propriedade estava fazendo muito mal”, conta a produtora.





Após a passagem da lama, o solo ficou diferente

Os produtores rurais da região buscam entender melhor as mudanças que a terra passou. “Eu vivo pedindo um laudo desse solo há muito tempo”, conta Sebastião.

De acordo com Carlos Alberto Spaggiari Souza, da Comissão Executiva do Plano da Lavoura Cacaueira (Ceplac), órgão do Ministério da Agropecuária (MAPA), apesar de observar que houve dano, a

Ceplac não consegue quantificar o prejuízo.

“Acreditamos que a lama, devido à alta quantidade de argila em suspensão, tenha impedido uma melhor infiltração da água no perfil do solo. Isso nos leva a afirmar que os danos da lama são muito mais características físicas do solo do que na planta em si. Mas eles afetam também o crescimento normal da planta”, explica.



Foto: Alif Rangel

Sebastião questiona a lentidão da Fundação Renova para dar respostas aos pequenos produtores rurais sobre suas perdas

Renova prepara ação junto ao produtor

Para coordenar as ações, a Fundação Renova organizou, em 2018, um grupo de trabalho para o qual foram convidados produtores rurais e organizações externas. Após escutar as reivindicações e necessidades desses públicos, a Renova decidiu criar um grupo interno para discutir e melhor coordenar seus processos e ações junto ao produtor.

Outra iniciativa é a finalização de um mapa com os contornos exatos dos locais atingidos pela lama. “Será entregue para nós o estudo do que chamamos de mancha de inundação. Ele mostra onde a lama

foi dois meses após o rompimento da barragem, quando teve uma chuva forte, fazendo a lama extrapolar a calha do rio Doce”, diz Rodrigo Bruschi, da área de Uso Sustentável da Terra da Fundação Renova.

Com o mapa, será possível avaliar se o produtor foi atingido. Para aqueles que forem, a Renova vai, como forma de reparação e compensação, “trabalhar no sentido de deixar a propriedade do atingido igual ou melhor em relação ao estado em que estava antes”, esclarece Bruschi.

cacau

COM HISTÓRIA

FONTE: CEPLAC e Sindicato Rural de Linhares

ORIGEM

O plantio comercial do cacau no Espírito Santo começou na cidade de Linhares em 1917. As plantas já estavam na região no fim do século XIX.

CENTENÁRIO

Em 2017, a cidade comemorou os 100 anos do cultivo comercial do cacau no estado.

PLANTIO EM QUEDA

Linhares perdeu 6.280 hectares de plantações de cacau. Fatores que influenciaram essa perda da área plantada:

- Queda no preço do produto
- Secas na região
- Caso do fungo vassoura de bruxa
- Passagem da lama de rejeitos

CABRUCÁ

Cerca de 80% do cacau de Linhares é plantado no sistema de cabruca, quando a planta cresce sob a sombra da mata Atlântica.

RECONHECIMENTO

Em 2012, o cacau produzido em Linhares foi o primeiro do Brasil a receber Indicação Geográfica (IG), o que permite que o produto seja vendido com esse selo no país e no mundo.

PREMIAÇÃO

A amêndoa de cacau do produtor de Povoação Emir de Macedo Gomes Filho foi reconhecida como uma das melhores do mundo no Salão do Chocolate de Paris. Isso ocorreu em 2017, mesmo ano das comemorações do centenário do cacau de Linhares.

O CACAU CAPIXABA MUDA DE ENDEREÇO

Linhares, São Mateus e Colatina costumavam responder por mais de 95% do cacau do Espírito Santo. Agora, as plantações estão espalhadas por mais de 50 municípios capixabas.

“Se não fosse o cacau, o vale do Rio Doce próximo à foz estaria todo desmatado e transformado em pastagens”, diz Carlos Alberto Spaggiari Souza, da CEPLAC.



Perdas na produção local afetam plantas além do cacau

Muitas plantações de cacau do entorno do rio Doce morreram ou deixaram de dar frutos. Mas não é só isso que é cultivado na região. Segundo Antônio Roberte Bourguignon, presidente do Sindicato Rural de Linhares (SRL), além dos 6.280 hectares de cacau, foram perdidos 300 hectares de banana e 150 hectares de café estão com a irrigação prejudicada.

“Era uma área muito boa para pepino. O povo no mercado compra o produto para se alimentar, mas eu plantava para dar ao porco. Hoje, o pé não vai a frente. Todo mundo cultivava lá milho, feijão, abóbora, melancia”, diz o presidente da Associação de Povos de Entre Rios, Sebastião Eugênio Dias.

Inacelina Carlo, de Areal, conta que perdeu metade da plantação de cacau – mais de 3 mil pés –, além de outros cultivos. “Lá na roça, morreram muitos pés de cacau. E morreu aipim, amendoim, uma porção de plantas frutíferas. Agora, não está dando para plantar mais nada. Não cresce”, conta

Já Ilda Souza de Oliveira conta que plantava frutas para comer. “Era banana, manga, laranja e jaca. Agora não tem mais nada. Estou comprando para poder comer, mas você não acha fruta para comprar. Aqui na roça ninguém vende nada, porque não tem. Temos que ir pra cidade. Ficou muito difícil para nós”, conta Ilda. Ela e sua filha, Ziza, tentaram plantar mudas no local novamente, mas as novas plantações também morreram.



Foto: Alif Rangel

“Até o rio está naufragado, não podemos nem comer peixe do rio mais. Nossa fortaleza era o rio. Essa nossa plantação que a gente colhia e nosso rio, que dava alimento. Depois da lama, acabou o rio, acabou a lagoa, acabou a plantação, acabou tudo. De que nós vamos viver agora?”

Ilda Souza de Oliveira, de Areal

CRIAÇÃO DE ABELHAS SEM FERRÃO ENCANTA AS COMUNIDADES

As abelhas nativas brasileiras estão encontrando novos lares nas comunidades da foz do rio Doce. Moradores de Aldeia Areal, Entre Rios, Povoação e Regência agora convivem com a companhia de espécies que eram até então desconhecidas por muitos, como a Jataí, a Mandaçaia e a Uruçu Amarela.

Mas quem mora na região não precisa ter medo de levar uma ferroadada: diferente das abelhas estrangeiras, as mais de 200 espécies de abelhas nativas que vivem espalhadas pelo país não têm ferrão e a maior parte delas produz um mel de excelente qualidade e alto valor comercial. A criação dessas abelhas é chamada de meliponicultura.



A chegada da atividade ocorreu por iniciativa da Associação de Meliponicultores do Estado do Espírito Santo (AME-ES), com apoio da sociedade civil, no final de 2016.

Desde março de 2018, ela trabalha em parceria com a Fundação Renova, por solicitação dos participantes, para instalar meliponários (caixas com colmeias) na casa de 36 famílias das comunidades. “Nosso

projeto é de incentivo à criação de abelhas sem ferrão. O objetivo é ensinar as pessoas a criarem as abelhas de forma racional para ajudar a natureza e possibilitar a geração de renda no futuro”, explica João Luiz Teixeira Santos, presidente da AME-ES.

Centenas de enxames foram distribuídos pela associação desde 2016, sendo que 95 foram em conjunto com a Fundação Renova.

Multiplicação de conhecimento e renda

Antes de receberem as colônias, os interessados passaram por um curso intensivo para aprender a cuidar das abelhas e multiplicar os enxames.

Tunay Oliveira Alcântara, que é de Regência e já tinha grande interesse pelo universo das abelhas sem ferrão, se envolveu tanto no projeto que hoje é monitor local e presta apoio às demais famílias. “Aqui em casa tenho quatro enxames que recebi: duas caixas de Jataí e duas da Mandaçaia. Esperamos receber mais duas da Uruçu Amarela”, conta.

Ainda na vila, a paixão pela meliponicultura também contagiou **Gleide Maria Ferreira**, de 47 anos. “Uma colega me convidou para o encontro com a AME-ES e na época não sabia que existia abelha sem ferrão. Lá, me explicaram da importância medicinal e ecológica e quis participar na

hora”, relembra ela. “Comecei com poucas e hoje já até doei algumas colmeias. Inclusive, minha netinha está muito envolvida com as abelhinhas”, Gleide comemora.

O mel das abelhas nativas como a Jataí ainda é pouco conhecido, mas muito apreciado por quem já experimentou e tem alto valor

comercial: um quilo pode ser vendido por quase R\$ 120, quatro vezes mais que o da abelha com ferrão. “No decorrer das formações, os participantes decidiram, nesse primeiro momento, aprender os manejos, e com o apoio dos técnicos, multiplicar os enxames para que, assim que estiverem preparados,



Tunay cuida de quatro exames e aguarda a retomada do projeto

 **Economia**

coloquem o mel da foz de forma cooperada no mercado. Eles contam com a Renova para a expansão do projeto”, afirma João.

Os moradores poderão comercializar mel, pólen, própolis, cera e até mesmo enxames das abelhas nativas. Até lá, as abelhas já trazem bons resultados e potencializam as hortas e pomares. Elas são ótimas polinizadoras que ajudam na restauração e conservação da natureza e aumentam a produtividade das plantações. Mas, com o uso crescente de agrotóxicos e outras ameaças ao seu habitat, muitas estão ameaçadas.

“No meu terreno tem árvores que nunca deram fruto e começaram a produzir depois da polinização das abelhas”, destaca **Lucilene Frigini**, 44 anos, de Regência. “Descobri esse universo e estou apaixonada. Quem conhece as abelhas sem ferrão e experimenta o mel delas não pensa mais em tomar o das outras. Pena que o projeto parou, pois ainda não entregaram as Uruçus Amarelas prometidas”, conclui.

Renova esclarece

Apesar do projeto ter dado super certo, os participantes apontam que desde março não há novas visitas dos técnicos e que a entrega da última espécie de abelhas não foi cumprida. “Estamos parados há três meses sem saber o porquê”, afirma Gleide, que junto dos colegas solicitou um esclarecimento da Fundação.

A Renova informa que o projeto de meliponicultura está sendo revisto de acordo com os critérios da equipe técnica junto a área de contratos, e a partir das normas do TTAC, o Termo de Transação e Ajustamento de Conduta, que determina como a organização deve reparar e compensar os danos do rompimento da barragem. O projeto será

retomado, ainda sem data definida, assim que os ajustes contratuais necessários forem feitos. A Fundação Renova compreende a importância da iniciativa para as comunidades e trabalha para solucionar a questão com agilidade, de forma que os atingidos não sejam mais prejudicados.



Cleide decorou suas caixas com tinta e fitas coloridas

Foto: Alif Rangel



CURSAR A EJA É OPORTUNIDADE DE VIVER UM FUTURO MELHOR

Voltar a estudar é um grande desafio. É preciso coragem e determinação para retornar à escola e conciliar um emprego e os afazeres de casa com as aulas noturnas e os exercícios.

Apesar das dificuldades, as vilas de Regência, Povoação e Areal têm alunos da EJA – Educação de Jovens e Adultos – que não deixam para depois a oportunidade de retomar seus estudos.

Comunidade se organiza em Povoação

“Em Povoação, a EJA acontece três vezes na semana, das 18h20 às 22h20. Na segunda e na sexta-feira são feitas atividades extraclasse. Dessa maneira, fica mais fácil conciliar outros compromissos, além das aulas serem ofertadas na própria comunidade, sem a necessidade de deslocamento para a cidade, o que tornaria exaustivo e até inviável para alguns alunos, gerando muitas desistências”, defende **Michel Gomes Pedro**, diretor da EMEF Professora Urbana Penha Costa.

A comunidade do balneário se organizou e conseguiu a abertura de novas turmas. “A comunidade merece essa conquista! Abrimos turma para todas as etapas: a EJINHA, do 1ª ao 4ª ano; a EJA, do 5ª ao 8ª ano; e a EJA Médio, que é o Ensino Médio”, comemora o diretor da escola.

“Vou estudar junto do meu filho. Vou mostrar para ele que eu quero aprender cada vez mais. Isso é muito gratificante para mim, sendo o pai dele. E eu tenho certeza que ele tem orgulho de mim como filho.”

**Josenilton, comerciante,
com seu filho Johnatan ao fundo**

Entre os novos alunos está **Josenilton Souza**, de 38 anos. Ele deixou a escola antes de completar o Ensino Médio e agora voltou às aulas acompanhado do filho, Johnatan Luiz. “Eu desisti porque fui pai muito jovem, tive que arregaçar minhas mangas para trabalhar. Mas agora recorremos a esse recurso com a escola, que trouxe esse planejamento para Povoação. Esse conhecimento vai nos levar a um futuro melhor”, explica Souza.



Foto: Flávia Denise



Turmas esvaziadas em Regência



Foto: Leandro Bortot

A vila de Regência, cuja escola é a EEEFM Vila Regência, tem turmas da EJA há mais de dez anos. Só que oferecer aulas não é garantia de ter alunos. A professora **Josenita Pereira dos Anjos** explica que a escola corre o risco de ter que fechar turmas, o que já aconteceu em outros anos.

A situação é particularmente complicada na EJINHA. “Acho que [diminuiu o número de alunos] por falta deles procurarem a escola. Você vê que é uma comunidade em que a maioria das pessoas não é totalmente alfabetizada”, explica a professora.

Já as turmas da EJA e da EJA Médio têm um número maior de estudantes, muitos deles determinados a ficar na sala até completarem as aulas. Entre eles está **Almira Costa Barcelos**, de 52 anos. “Tenho muita vontade de fazer uma faculdade de gastronomia. Agora, com a fé em Deus, só saio daqui com meu diploma na mão”, conta a estudante.

Areal quer aulas na própria vila

Em Areal, os moradores da vila querem se organizar para abrir uma turma da EJA no local, pois hoje precisam se deslocar para Regência. Apesar de o ônibus ser oferecido pelo Poder Público, o trajeto desanima muita gente. Entre os alunos que seriam beneficiados está **Helena Carlos Costa**, de 67 anos. Para ela, a aula dentro da comunidade iria incentivar seus vizinhos a seguir seu exemplo e retomar os estudos. Moradora da comunidade desde 1988, ela voltou a estudar há dois anos, completou a EJINHA e atualmente cursa o 5º ano. “Vou continuar estudando até o dia que Deus quiser. Para mim foi bom para a mente. Eu estava ficando esquecida”, conta a estudante, que tem o sonho de se tornar professora.



Foto: Flávia Denise

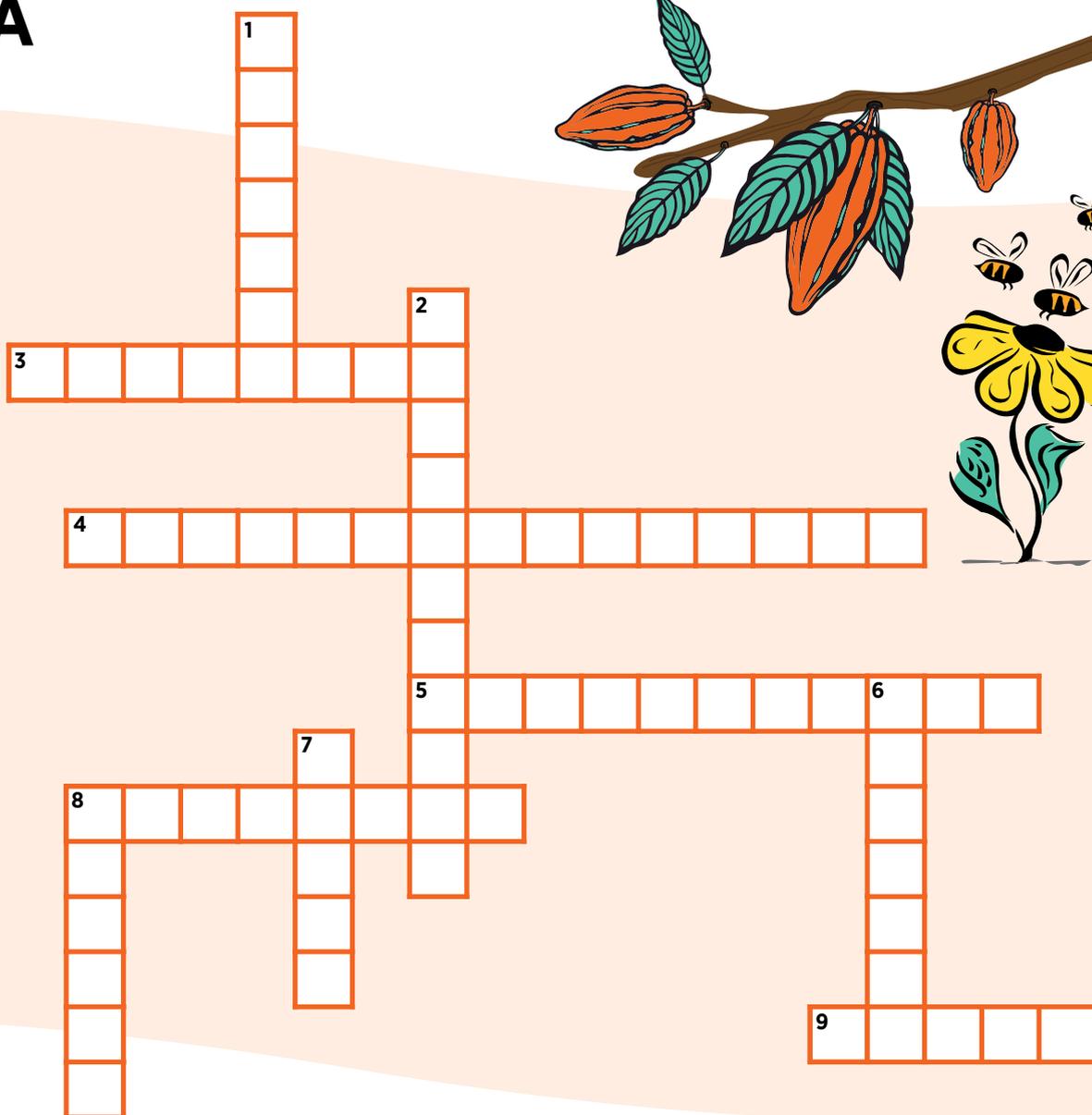




CRUZADINHA

VERTICAL

1. Abrigo construído para ou pelas abelhas
2. Transporte de pólen através do vento e de seres vivos
6. Sistema de plantio de cacau sob a sombra da Mata Atlântica
7. Um dos principais frutos produzidos em Linhares
8. Educação de Jovens e Adultos do 1^a ao 4^a ano



HORIZONTAL

3. Comunidade cuja amêndoa de cacau foi premiada no Salão do Chocolate de Paris
4. Criação de abelhas nativas sem ferrão
5. Principal ameaça à vida das abelhas
8. Setor fundamental para o desenvolvimento do país
9. Espécie de abelha nativa presente nas comunidades da foz

Respostas: meliponicultura, ejiha, colmeia, educação, cacau, cabruca, povoação, polinização, agrotóxicos, jafai

Fale com a gente



Central de Relacionamento
0800 031 2303



CIA Linhares
Av. Augusto Pestana, 1390, Lj. 5, Centro
CIA Regência
Rua Lídio de Oliveira, 3, Lj. 2
CIA Povoação
Rua Cleres Martins Moreira, s/n



instagram.com/
fundacaorenova



ouvidoria@fundacaorenova.org
0800 721 0717



fundacaorenova.org/
fale-conosco



youtube.com/
fundacaorenova